

com uma pistola em cada mão
e a luz do bosque ao largo dos pés

— repete o meu nome deslumbrado

(rende-te ave já ferida
um movimento em falso)

não largarei a sombra desta mulher
ainda que homem vil
com os olhos acessos
na antiguidade do telégrafo

(a criança desbotada de noite
faz ruir a porta, o fosso da aldraba)

a poalha cintilante escorre
de mão em mão
na cidade dos tolos insensíveis

— há muitas maneiras
de pisar o próprio túmulo

os carreiros são estreitos para a sua largueza
bêbedo de luas já a manhã vai a meio
(delirando escreveu muitas obras)

meia-noite na ardósia desconhecida
na lasca das unhas que a inscreveram
(luz a lâmina presa ao pescoço)

sangue só seu
borras de frutos
o embrutecido vermelho rural

manhã de pedras contadas
coração contrito
as águas que não sobem
encandeiam o murmúrio dos pés

todas as aves desfraldam o presente
a palavra presente em voo aberto
os peixes são um abismo marinho
os olhos um abismo de dourados peixes —

nunca terá visto um céu assim

mora nos seus olhos
a romaria dos ramos
pela estrada branca da noite

ajeita o anel do assombro
o lugar da água
na vidência enovelada dos dedos

o livro deixou-o esquecido
no morredouro do recanto
junto ao jorro da lua, aqui e agora
esse estranho vagar do afecto

escuta o tremor habituado do riso —
os anos das árvores tombam em redor
com os gestos vidrados dos salteadores

a larva alastra o sangue seco
rumina e requeenta a pergunta
tornada passatempo:
a que se dá afinal
este corpo de morte?

é sua a pergunta que treme na fala:
repete a infância hoje transportada
detrito de jangada à sombra do mar

(a missão era afogar a circumspecta voz —
restam algas, veias, outros petróleos)

transporta as faúlhas marinhas e voga
de olhos esvaziados nos sulcos do sal
ou enegrecidos pela venda estrelada

(finge temer a graça da imensa palavra
— ruidosa côncava cheia de pedras)

palpa o corpo e os dedos entontecem:
a brilhante espuma de uma fábula
teceu-lhe uma segunda pele, largou
um pavio de mundo ao rés da boca —

súbito o estrondo iluminado
de um porto no horizonte

os claros muros da alegria

sobre o verniz da mesa
voz alheia depõe o laço das mãos:
espreita e espera uns olhos feridos
a ternura retesada aos ombros

(a noite cabe inteira no chiar da porta)

anunciada a aurora:
recorta-se o recém-chegado corpo
contra o sorriso aprazado
(marulha a flor perene dos lábios)

funâmbulo mexe
extravasa e muda de mundos
de bolsos em bolsos — o tabaco de deus
a vela no pavio encera-lhe o sono

(no olhar a espiga que equilibra
a grande cidade da sua mente)

que desaforo o seu entre pegas e lobos
que confissão escusada
arrojando o lombo, o jeito felino
no imenso terreiro da lua

ao seu lado no mistério da hora
um coração arde espesso de paciência
uma bacia de fios e nervos
que lhe diz do único real contrabando